

# Verónica

RITA FERREIRA





# Ensaio de Klecksografia baseado em Verónica

Arthur Dessine

Advertência: *O Ensaio de Klecksografia baseado em Verónica* foi transmitido via ondas radiofónicas pela Poulp Ubique, no programa *Beethoven po-po-po-pom!*, um diálogo performático entre os seus dois apresentadores mais célebres: Arthur Dessine [AD] e a Mulher Geométrica [MG]. Nesta emissão, o diálogo de surdos tem como pontos de partida as obras de Rita Ferreira expostas na exposição intitulada *Verónica*, no Rialto6, em Lisboa; a *Verónica*, uma mulher generosa que ajudou um homem cansado, emprestando-lhe o lenço sobre o qual, milagrosamente, a sua figura ficou gravada; a klecksografia, que é, ao mesmo tempo, a arte de fazer manchas e a arte de as interpretar, inventada pelo poeta alemão Justinus Kerner que, após deixar cair acidentalmente tintas num papel, o guarda e utiliza como fonte de inspiração

para criar um pequeno poema, acidente que se transformará num exercício cotidiano e na prática a partir da qual o psicólogo Hermann Rorschach desenvolverá, mais tarde, o seu famoso teste homónimo; e, finalmente, o programa *Ici Londres*, que durante toda a Segunda Guerra Mundial transmitiu incansavelmente milhares de mensagens codificadas à resistência, como a emblemática *Berce mon coeur d'une langueur monotone*.

*Beethoven po-po-po-pom!*

MG – Atenção-atenção... ouvintes à escuta?

AD – Atenção... repita.

MG – Ouvintes à escuta?

*Beethoven po-po-po-pom!*

MG – Uma coleção de sudários numa vitrina.

AD – Atenção, repita...

MG – Uma coleção de sudários numa vitrina.

AD – Metafísica líquida: suar na sua

mortalha...

MG – Mortalhas e faixas de linhas estendidas no balcão.

AD – Uma *famadihana* clandestina.

MG – O revirar dos ossos.

AD – O “de trás para a frente”.

MG – “A Verónica” perdeu as suas cores.

AD – O papel de embrulho aberto *in totum*.

MG – A muda de um totem muito alto.

AD – À sombra de um corpo irradiado nas escadas.

MG – Atenção, repita...

AD – À sombra de um porco irradiado nas escadas.

MG – O preto das velas.

AD – O tripleto hexadecimal: #00000.

MG – O bistre, o antracite, *le noir d’ivoire ou de carbone*.

AD – O mundo das manchas antediluviano.

MG – Um Urubu-Rei aterrou sobre meu carro.

AD – Está a chover a cântaros.

MG – A liturgia noturna das rãs.

*Beethoven po-po-po-pom!*

AD – Atenção, ouvintes à escuta?

MG – Duas mensagens em duas partes!

ad – Fiquem atentos!

MG – 1: Um corvo-marinho pousado, asas em cruz, o cu no cume do Cristo Rei.

2: Um corvo-marinho crucificado no seu secador, ámen!

AD – Atenção, ouvintes à escuta? Mais um dois em um... fiquem atentos!

MG – 1: Um cíclope com um monóculo.

2: Um olho solitário no espelho retrovisor.

AD – Um Urubu-Rei aterrou sobre o meu carro.

MG – Está a chover a cântaros.

AD – Uma máquina agrícola que gira, gira e volta a girar torrões de terra.

MG – Atenção, repita.

AD – Uma máquina agrícola que gira, gira e volta a girar torrões de terra.

MG – Uma máquina para contar os grãos de areia e resolver de uma vez por todas o paradoxo sorites.

AD – Uma doença dos olhos, terrível, provocada por uma verdadeira mania das manchas.

MG – *um ponto negro em meu voraz olhar.*

AD – Um instrumento musical feito de pequenos discos de metal forjados à mão que fazem dong-ding e ding-dong quando se tocam.

MG – Repita.

AD – forjados à mão que fazem ding-dong e dong-ding quando se tocam.

*Beethoven po-po-po-pom!*

MG – O papel higiênico amachucado que limpou as mãos do pintor Pierre Soulages.

AD – O papel higiênico amachucado que limpou as mãos do pintor Jackson Pollock.

MG – O papel higiênico amachucado que limpou as mãos do pintor *Abóbora Amarga*.

AD – O papel higiênico amachucado que limpou as mãos de um *serial killer*.

MG – Um saco de papel kraft castanho-claro

no qual se deixaram croissants muito amanteigados.

AD – O pó-de-talco nos bolsos de um casaco.

mg – A beata no bolso de uma camisa.

AD – Trapos e farrapos.

*Beethoven po-po-po-pom!*

MG – Mensagem dois em um... estejam atentos!

AD – O kleenex no qual o menino Jesus limpou o muco. Ámen!

MG – O lençol imaculado no qual o menino Jesus, vítima de uma poluição noturna, deixou o mapa do Éden. Ámen!

AD – Atenção... Não confundir o muco e o monco, que é também...

MG – O carbúnculo na cabeça do peru. Ámen!

*Beethoven po-po-po-pom!*

AD – Atenção! Sem transição.

MG – Um lenço no lixo.

AD – A pele de um *lynx lynx*, animal tautológico.

MG – As manchas de lixívia sobre uma camisa preta.

AD – Um papel com um galo impresso, usado para embrulhar carne de vaca.

MG – Uma mancha de sangue enegrecido.

AD – A pele da bela adormecida.

AD – Um algodão maculado de maquilhagem.

MG – O creme nívea que apanhou bolor.

AD – Um oráculo. Uma adivinha.  
Uma charada.

MG – Um jovem corvo que aprende a voar.

AD – O voo *a pique* de uma ave de rapina.

MG – Uma máscara feita de cascas de pinheiros.

AD – O pergaminho que desvenda o segredo da pata-geometria.

MG – Aos testes de Rorschach uma única resposta: borboletas.

AD – Repita.

MG – Aos testes de Rorschach uma única



resposta: úteros.

AD – Bi-Ro-Teste-Robot-Teste.

mg – Teste i-cul.

AD – Um pássaro branco não identificado.

MG – Uma imagem fantasma *in praesenti*.

AD – As cores sem contrastes.

MG – Um escarabocho, uma garatuja,  
um gatafunho.

AD – A borra do café à beira-mar.

MG – Esgar rima com zoar.

AD – Um povo à lagareiro.

MG – com batata a murro. Ámen!

AD – Uma punheta de bacalhau. Ámen!

MG – O toucinho do céu. Ámen!

AD – Um choco com tinta.

MG – Um cacto narcisista.

AD – Um cavalo foi por ali...

pata-clop-pata-clop-pata-clop...

MG – Atenção: Repito.

AD – Um cavalo foi por ali...

pato-clap-pato-clap-pato-clap...

MG – O rastro dos astros.

AD – As pegadas, na neve, de um

pato-da-barbária.

MG – O caminho a seguir.

AD – O pisar dos bailarinos.

MG – Um nascer de lua.

*Beethoven po-po-po-pom!*

MG – Atenção-atenção, ouvintes à escuta?

AD – As pinturas que se olham quando não há ninguém para olhá-las.

MG – Pinturas que se admiram no reflexo dos vidros de outras pinturas que se admiram no reflexo dos vidros de outras pinturas que se admiram no reflexo dos vidros de outras pinturas que se admiram no reflexo dos vidros de outras pinturas... etc.

AD – Triângulos extremamente equiláterais, dissolvidos na água.

MG – Um tal, um fulano, um sujeito, um indivíduo, um ser olha-se na montra, retoca o penteado, põe mais rímel nas pestanas, mais gloss nos lábios.

AD – O batom preto. O *bálsamo labial tonificante tom 06 Black Honey*.



MG – O borrão.

AD – A nódoa.

MG – Um homem encostado a um cacto lê um livro de literatura masoquista.

AD – No canto da folha, a pegada de um animal desconhecido.

MG – Um ponto final.

AD – Dois, três, quatro pontos finais...

MG – Um cardume em movimento na boca do esgoto.

AD – Uma matilha de lobos geométricos atravessou a planície amarela de silêncio.

MG – Um gato tímido e bulímico devora o mundo, começando pela lua.

AD – A neve suja.

MG – Choveu no deserto.

AD – O escoamento dos líquidos é o seu destino.

MG – O esgoto, o desgosto, o gosto.

AD – Atenção, mensagem em francês...

MG – *Un gros cactus mou; un gros matou dur; un gros dur tatoué mou; un dur matou tatou du mou.*

AD – Uma mistura de água e terra desliza silenciosamente sobre as janelas do quarto de hotel.

MG – Anúncios luminosos liquidificados.

AD – Aterros inundados.

MG – Carros que flutuam, suavemente levados pela correnteza.

AD – Um gato encharcado.

MG – Paredes imundas.

AD – Despir-se e despedir-se. Sair nua.

MG – Uma ruína.

AD – Urinar na neve.

MG – A cor da Betadine, do Mercurocromo.

AD – O aroma do Sudário de Turim, ou o cheiro da Verónica...

MG – Uma Archeiropoieta não divina.

AD – A radiografia de uma placa de ferro parafusada nos ossos.

MG – Um não milagre, *Qu'est-ce que c'est?*

AD – A primeira gota de chuva depois do incêndio.

MG – O som da urina apagando o fogo.

AD – Encenação de: o dilúvio... estão



todos prontos?

MG – A mancha castanha onde o preto se afoga.

AD – A baba na ponta de um cigarro cigano.

MG – Nicotina e alcatrão, o quinto volume da mitologia.

AD – *Brou de noix e Bitume de judée.*

MG – A fotografia de um velho pulmão.

AD – Verónica, nome de um teste nuclear?

MG – Círculos muito viciosos atravessados por uma estaca irrepreensível.

AD – *Atenção, repita.*

MG – Círculos muito viscosos atravessados por uma estaca irrepreensível.

AD – Um coração espezinhado.

MG – Três luas desbotadas.

AD – Repita...

MG – Três luas desbastadas.

AD – Três ovos tatuados nas suas asas.

MG – Os *frames* impressos nas pálpebras de uma mulher que sonha.

AD – Os movimentos oculares em *bouffée*.

MG – Uma *bouffée delirante*.

AD – Uma história verídica: no quintal do atelier de um pintor conhecido, um homem abriu uma pequena loja de recordações e a sua mulher, que era vidente, lia – para algumas clientes especiais – o futuro nos complexos sinais deixado nos papéis amarrotados usados para limpar pincéis.

MG – Uma imagem pornográfica a preto e branco irreconhecível, abandonada no chão, rasgada e pisada vezes sem conta.

AD – Uma história demasiado longa para ser contada.

MG – Uma distopia na qual os líderes da indústria cosmética se tornam os mestres do mundo.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> – Estás a envelhecer minha querida e, no entanto, continuas a parecer tão jovem como sempre.

– Isso é porque mudo de pele com muita regularidade.

– Mudanças de pele? Como as cobras?

– Nunca ouviste falar da *IS*? Foi há muito, muito tempo, num futuro longínquo. Nessa altura, tecnicamente, mudar

totalmente de pele já não era um problema. Podíamos fazê-lo como se muda de camisa.

As indústrias cosméticas associadas aos laboratórios farmacêuticos tinham conseguido fabricar a *Interchangeable-Skin* a partir dos choccos (*Sepia officinalis* e *Sepiola atlantica*) e das exúvias de vários insetos (principalmente cigarras).



Com a /S, a promessa de uma eterna juventude tinha sido finalmente alcançada. Entre nós, verdade seja dita, nunca foi mais do que uma falsa promessa, porque enquanto a epiderme é substituída por uma nova, os órgãos internos continuam silenciosamente o seu caminho para a obsolescência. No entanto, a indústria cosmética, em limitar os desgastes visíveis do envelhecimento, conseguiu conquistar um imaginário poderoso e muito rentável: a eternidade. Quem é que, depois dos 30, não quereria mudar de pele? Aqui e ali vão aparecendo os primeiros sinais do desastre que está para vir: as malditas rugas, que os cremes mais sofisticados nunca conseguirão eficazmente reduzir e ainda menos eliminar. Por consequência, os líderes destas indústrias, a princípio muito discretos, foram, no espaço de alguns anos, promovidos a autênticos mestres do mundo. Mas o custo de

produção da /S era muito elevado devido à escassez de materiais e aos custos de transporte excessivos, causados por guerras intermináveis e aos lucros hipertrofiados que estas mesmas indústrias faziam sobre cada pele. Mesmo uma pele de qualidade média valia uma fortuna e este luxo, como é óbvio, só estava ao alcance de uma elite. Como um bolo ao qual se adicionou demasiado fermento, a frustração dos excluídos deste pequeno comité cresceu inexoravelmente. A exasperação era palpável até nos lugares mais remotos do planeta. Para evitar os motins que, como se sabe, enchem as prisões, os cemitérios e os manicômios, enriquecem as agências funerárias e custam muito caro ao Estado e aos contribuintes, os dirigentes tiveram de encontrar soluções rápidas. Mandaram portanto desenvolver /S's mais democráticas. Apesar dos repetidos avisos

de especialistas sobre os perigos potenciais de pôr no mercado peles não testadas e cuja durabilidade ninguém conhecia, os capitocratas, determinados em manter os seus privilégios, ignoraram as recomendações e convenceram os fabricantes e cientistas menos recomendáveis a satisfazer os descontentes, oferecendo *IS's* acessíveis a todos, imediatamente. Obviamente, a qualidade reduziu como *peau de chagrin*. Muitas pessoas, confundindo desejo e realidade, deram crédito aos anúncios que pretendiam que peles a 10.000 fossem equivalentes a peles a 100.000. Os incrédulos são legiões. Rapidamente, na intimidade das suas modestas casas de banho, confrontaram-se com a sórdida realidade. Enquanto as peles de luxo resistiam ao envelhecimento prematuro, com exceção de um ligeiro amarelecimento dos bordos

e do aparecimento de bolor nas juntas, as peles de baixo preço murchavam como pétalas arrancadas prematuramente à flor. Mas a humanidade desejosa não descansa de querer, e apesar das inúmeras ocorrências, processos e atentados às indústrias devido à má qualidade das peles, a intensa procura continuou.

Apareceram peles novas em segunda mão: peles enrugadas, manchadas e gastas a preços imbatíveis. As imitações invadiram o mercado. Indignados, alguns idosos prematuros reclamaram as suas velhas peles de volta, mas as cláusulas quase invisíveis do contrato favoreciam as empresas de cosméticos, para as quais um exército de advogados trabalhava sem descanso impedindo qualquer retrocesso.

– Fascinante! Foi então que mudaste de pele? Não, a minha muda é natural.

AD – Uma utopia na qual os líderes da indústria cosmética se tornam os mestres do mundo.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Não consegui imaginar uma utopia em que os líderes da indústria cosmética se tornassem os mestres do mundo.

MG – Uma conversa entre amigos íntimos que gostam de se tocar.

AD – Um ladrão de papel.

MG – Verónica *very* irónica.

AD – Verónica *in naturalibus*.

MG – Cona *in situ*.

AD – Uma hipótese projetiva *in silico*.

MG – Uma conversa *in mente*.

AD – A lâmina afiada *in aeternum*.

MG – Uma mentira na hora da verdade e vice-versa.

AD – Um exercício: mastigar devagar papel de arroz.

MG – Notas velhas enrugadas no bolso de uns *jeans* azul-sujo.

AD – Muitos dedos suados.

MG – As impressões digitais deixadas



por um criminoso, *in loco*.

AD – Uma gola branca manchada.

MG – O colarinho colegial.

AD – Repita com carinho...

MG – o caralhinho colegial.

*Beethoven po-po-po-pom!*

AD – E agora para acabar, sem transição,  
como sempre:

MG – Água-racho.

AD – Lava-tudo.

MG – Decapante decapite.

AD – Lista de líquens: o lobo, o folioso,  
o crostoso, o escamoso, o irradiante,  
o leproso e o gelatinoso.

MG – Um grande cacto de cabeça para baixo.

AD – As folhas calcinadas de um livro resga-  
tado *in extremis* de um auto-de-fé.

MG – Um papel molhado.

AD – As mortalhas de divindades  
esquecidas.

MG – A tua epifania não passa de uma  
apofenia.

AD – Repita.

MG – A tua apofenia não passa de uma epifania.

AD – Nada mais e muitas outras coisas.

MG – Repita.

AD – Mais nada e muitas outras coisas.



*Dipolo-Dipolo*

2024

Óleo sobre papel,  
dibond, mdf, ferro  
e vidro

230 x 220 x 5 cm

*Cristado*

2024

Óleo sobre papel,  
dibond, mdf, ferro  
e vidro

230 x 220 x 5 cm

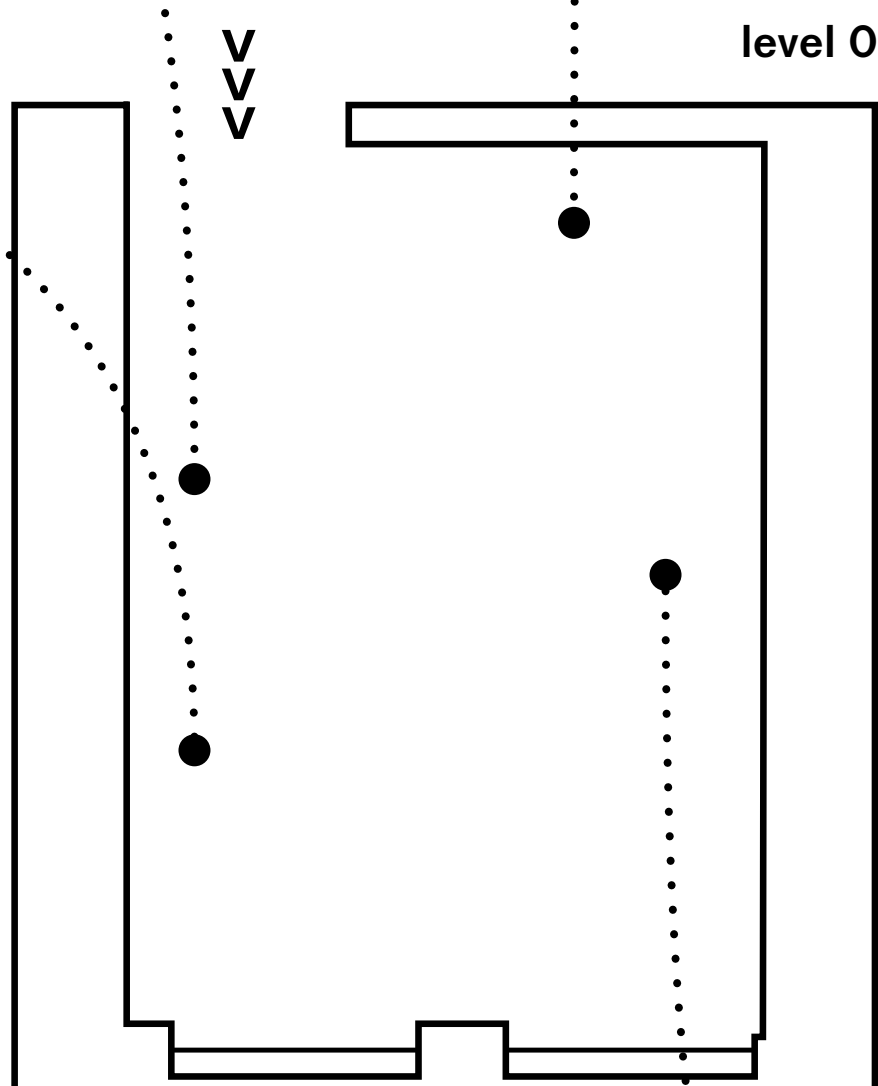


*Adcos gold*

2024

Óleo sobre papel,  
dibond, mdf, ferro  
e vidro

230 x 220 x 5 cm



*Goma guar*

2024

Óleo sobre papel,  
dibond, mdf, ferro  
e vidro

230 x 220 x 5 cm

